



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

Redacção e Administração: RUA 19 N.º 62 - ESPINHO
Telefones: 920113 (p. c.) e 920187 (Residência do Director)

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO
BENJAMIM DA COSTA DIAS

Adm. e Imp. de Espinho
Câmara Municipal de Espinho - Rua 19 - Telef. 920187

DOMINGO
1
Dezembro - 1963
N.º 1663
Ano XXXI - Sem. VIII
(AVENÇADO)
Fundado pelo C. de Camões

A Mais difícil Tarefa

por Ferreira da Rocha

Se ouvimos alguém falar de «Irresponsabilidade dos Responsáveis», quedamo-nos logo a pensar no que poderia ser o Mundo e no que Ele é, apenas por culpas dos que O atraíam, e não podemos evitar que nos invada uma profunda e incurável tristeza que só terá fim com o nosso próprio fim.

Diz uma crónica que talvez possa considerar-se histórica, que quando o general Eisenhower ordenou finalmente o avanço dos exércitos aliados para a invasão da Normandia, através do canal da Mancha, na última guerra, através do canal da Mancha, na última guerra, tinha os olhos rasos de lágrimas. Porque o General sabia que a maior parte dos homens e rapazes que avançavam na frente, nunca mais voltaria a ver as suas terras e as suas famílias!...

E também diz uma outra crónica da mesma série, que «nunca se saberá o número de mortos no dia D!»

E para quê tanto sangue, tanto sacrifício, tanto luto...? Nós sabemos que os homens nas suas relações individuais são mais ou menos cordatos; podem ver surgir no seu convívio, nos seus contratos; algum entendimento logo a seguir aplanado e levado até acordo. Firms comerciais e industriais das diversas nacionalidades e cores que trocam os seus produtos, negociam reciprocamente, algumas vezes em larga escala, tendo de vencer muitas delas grandes dificuldades da burocracia indigesta, sem que para tal vejam necessidade de mais que a prévia combinação de condições, celebração de contratos, ou apenas a simples troca de correspondência.

Salvo aqueles casos esporádicos e anormais de quaisquer actos criminosos, devidamente previstos e punidos pelas leis, não se verifica a necessidade de recurso à força, ao emprego das armas, para que se efectuem com toda a eficiência essas relações, quer pessoais quer comerciais, quer se trate de iguais raças ou mesmas nacionalidades, quer de raças e nacionalidades bem distintas. E' sempre bem mais difícil vencer a resistência buro-

crática que se opõe à realização das mesmas relações do que a sua própria efectivação.

Para quê, porquê, ainda, desde que o Mundo é Mundo e o homem existe sobre a Terra, o recurso à carnificina, à guerra de nações contra nações, de idealismos contra idealismos...?

Já alguma vez dissemos que de muito longe vem o homem procurando organizar-se para sua própria defesa, formando as sociedades; quando, infelizmente, nós assistimos ao espectáculo lastimável das sociedades que combatem os indivíduos, apregoando que o fazem para salvaguarda dos interesses colectivos...?

Mas o que é, então, a Colectividade? Cremos seja exactamente os indivíduos organizados; o seu conjunto. Se, isoladamente, nós constatamos que esses mesmos indivíduos se têm sempre entendido melhor do que depois de organizados nas diferentes sociedades, acabe-se, então, com Elas! Pela mesma razão que, quando determinado objecto deixou de ter para nós utilidade, se joga fora, devemos também jogar com uma instituição que deixou de servir os fins para que foi criada.

Poderá objectar-se não ser de abandonar simplesmente uma «obra» que tantos séculos levou a construir; mas, antes, devemos procurar aperfeiçoá-la, caso já não satisfaça os requisitos pretendidos. Porém, isso mesmo é o que se vem apregoando há também séculos; e, tanto as promessas são sempre iguais, quanto os resultados nulos.

Qual o remédio, então? Só vemos uma forma lógica de o alcançar: «o simples abandono dos caminhos trilhados».

Precisamente, este o ponto principal da questão: logo que se reconheça seguir caminho errado, retroceder. E esta, talvez, a tarefa mais difícil de realizar!

Aonde se encontram, hoje, os homens capazes de reconhecer que trilham maus caminhos? Ou, ainda, aonde estarão os que se auto-examinam honestamente, a fim de saberem se estarão caídos, inconscien-

A mulher e a civilização

É inegável que a civilização ocidental, que a civilização cristã atravessa uma grave crise. Todos os espíritos esclarecidos estão mais ou menos de acordo a este respeito. Resta, porém, saber que espécie de crise é esta de que enferma o mundo actual. Tratar-se-á de, uma crise de crescimento? Tratar-se-á de uma crise evolutiva normal? Ou tratar-se-á de uma crise irremediável, daquelas crises que prenunciam e anunciam a queda das civilizações, idênticas àquelas em que é fértil a lição tremenda da História.

Não é fácil adivinhá-lo, nem prevêê-lo com exactidão, pois os fenómenos sociais são densadamente transcendentais e complexos, para permitirem, a qualquer pessoa, previsões fundamentais desta categoria.

Seja, porém, como for, não resta dúvida que a civilização está numa encruzilhada terrível, da qual precisa sair.

Os povos têm cometido erros graves, que, acumulados, criaram situações de direito e de facto perante as quais os homens responsáveis se mostram perplexos e desorientados.

No entanto, é preciso agir; é indispensável ter coragem suficiente para vencer todas as vacilações e todos os respetos humanos, uma vez que já os romanos proclamavam: «Salus populi suprema lex est» — a salvação do povo é a suprema lei.

Nas horas críticas, todos os elementos construtivos e sãos, todas as pessoas responsáveis e conscientes, devem dar-se as mãos para reconstruírem o mundo actual, em fase de desorientação e desagregação. O papel mais importante, nesta hora grave e incerteza; não cabe à ciência nem aos sábios; cabe aos homens de bom senso e cabe, também, à mulher.

Como sempre, a mulher pode perder ou salvar, segundo no-lo ensina a História.

Pois bem: urge que as mulheres se disponham, com a sua forte vontade e com a sua abnegação, a salvar a civilização em perigo de sosobrar. Não pode o mundo salvar-se sem a sua colaboração.

A civilização é fruto dos dois elementos vitais: o elemento masculino e o elemento feminino. Cada um dentro do seu respectivo campo de acção, deve cumprir o seu dever, porque, se — como diz Spengler — o homem faz a história, a mulher é a própria história.

Se o sexo feminino conseguir libertar-se das influências corrosivas da civilização e conseguir elevar-se acima delas, se a mulher conseguir melhorar o ambiente social e o próprio homem, decerto prestará um valioso contributo à obra da regeneração humana e, como diz o Prof. Humberto Grande — à obra da reconstrução do nosso mundo anarquizado.

Este eminente autor brasileiro acrescenta, num seu notável trabalho subordinado ao título *A grandeza da mulher*, que há necessidade de humanizar a civilização e que, neste domínio, a cultura feminina pode trazer-nos valores vitais para a civilização.

Desenvolvendo este sugestivo tema, e salientando que devem os dois sexos colaborar lealmente, na obra comum da civilização, em vez de se degradarem ou macaquearem, o Prof. Humberto Grande acrescenta que a compreensão entre o homem e a mulher pode iniciar novo ciclo da civilização.

Seja, porém, como for, não resta dúvida que a crise contemporânea é tão grave, que exige a colaboração dos dois elementos vitais: o masculino e o feminino. Cada um desses elementos tem a sua missão específica, e se cada um souber cumprir um plano moral, biológico e socialmente certo, poderá a civilização vencer as suas dificuldades.

Com os dois sexos desunidos e desviados das suas funções, a crise agravar-se-á cada vez mais.

Que ninguém esqueça esta verdade elementar, nem sempre recordada como devia.

Dr. Mário Gonçalves Viana

Orfeões de Espinho

Após o interregno de alguns anos, o Orfeão de Espinho foi reorganizado pelo maestro Fausto Neves em 1949, para tomar parte nas comemorações do 50.º aniversário da criação do nosso Concelho.

Conjuntamente, foi reorganizado o célebre «Rancho Juvenil de Espinho» da direcção do mesmo saudoso maestro e grande baírrista espinhense. A partir desta data, Orfeão e Rancho Juvenil mantiveram-se em actividade, levando a efeito

constantemente espectáculos nesta Vila e em várias vilas e cidades do País, onde foi sempre muito apreciado.

Com a morte prematura do seu incansável director artístico, o orfeão adormeceu e manteve-se até agora em inactividade. Oxalá que a sua nova reorganização, sob a direcção artística do filho do finado maestro, — prof. Mário Neves, — o conjunto consiga, sob orientação conveniente, elevar de novo o nome de Espinho.



O ORFEÃO DE ESPINHO, conjuntamente com o «Rancho Juvenil» que daquele fazia parte integrante, sob a direcção de Fausto Neves, realizou um brilhante sarau no Teatro Messias, da Mealhada, em 7 de Abril de 1951, o qual ali deixou as melhores recordações

Lamentamos não termos obtido uma fotografia mais ampla onde as figuras se pudessem destacar melhor; mas se alguém a possui, como supomos, aos seus detentores se fica a dever essa lacuna.

A sra. D. Alice Fernandes da Silva agradece-nos a cedência desta fotografia tirada no referido teatro.

Deve ser eleita amanhã a nova Vereação Municipal

Conforme o Aviso do sr. Presidente da Câmara Municipal de Espinho, publicado no número antecedente deste semanário, é amanhã pelas 16 horas que, de harmonia com o preceituado no Código Administrativo, se reúnem os vogais do Conselho Municipal que vigorará no quadriénio de 1964 a 1967, para, após a verificação dos respectivos poderes, procederem à eleição dos Secretários do Conselho e dos Vereadores da nova Câmara Municipal que entrará em exercício em 2 de Janeiro de 1964.

Fazemos sinceros votos por que a eleição dos quatro vereadores recaia em cidadãos de reconhecida idoneidade para as funções que lhes foram inerentes.

Entre os pelouros em que está dividida a administração e actividades municipais destacam-se, sem dúvida, os de Turismo e das Obras — dois departamentos de cuja orientação, depende em grande parte, o prestígio ou desprestígio de uma terra de turismo. E, em Espinho o departamento de Turismo tem importância especial, se não tanta como a presidência da Câmara, exige também bastantes conhecimentos gerais, espírito de iniciativa, cultura, diplomacia e vistas largas; Oxalá que os eleitores acertem, sob estes pontos de vista, a bem de Espinho.

— Em matéria de turismo mencionamos brevemente expôr nestas colunas os nossos pontos de vista.

Nos demais concelhos do País, com excepção dos de Lisboa e Porto, proceder-se-á, também amanhã, a idênticas formalidades.

1 de Dezembro de 1640 — 1 de Dezembro de 1963

Faz hoje 325 anos que Portugal reconquistou a sua independência da qual esteve privado durante sessenta longos anos, sob a tutela da vizinha Espanha.

A anexação de Portugal ao país vizinho foi consequência do parentesco existente entre Filipe II de Espanha e os últimos reis de Portugal da II dinastia, que não deixaram descendência, e assim, o referido monarca espanhol considerando-se herdeiro do trono português, com a conivência de parte da fidalguia portuguesa, tornou possível a anexação.

As nações são aquilo que os seus governantes querem que seja e os povos consentem.

E assim, tem sucedido que, aquilo que uns governos querem, outros que os substituem não aprovam.

Povos que nas últimas guerras lutaram, par a par, pelo mesmo ideal, alcançada a paz, alguns desses povos aliaram-se com os inimigos anteriores com os quais estabeleceram laços de amizade e interesses, tornando-se inimigos dos aliados da véspera.

Vejam os exemplos que nos oferece a Alemanha que, sob a égide de Guilherme II e de Hitler, lutou contra a França e seus aliados que se fez aliada dos seus inimigos de ontem.

Por isso, não há razão para que os povos que, levados pela ambição dos seus chefes, combateram outros povos, por vezes com os quais tinham mais afinidades, hoje orientados por outros governantes, vivam no melhor entendimento e simpatia recíproca.

As relações actualmente existentes, felizmente, entre Portugal e a Espanha não devem impedir que nós portugueses, comemorem a data da restauração nacional, sem a menor sombra de animosidade para com o povo espanhol, mas apenas como manifestação do nosso espírito de independência.

Espectáculos ou Reuniões

Para os devidos efeito e evitar mal-entendidos, se torna público que este Jornal não anunciará nem posteriormente se referirá a qualquer espectáculo ou reunião de que os promotores não dêem conhecimento prévio ao Director ou a qualquer dos seus colaboradores efectivos.

Farmácia de Serviço, HOJE
HIGIENE
Rua 19 Tel. 920235

temente, no estado de marasmo...?

«Esta é a mais difícil tarefa».

FERREIRA DA ROCHA

DEFESA

Secção de Letras e Artes

Literária

DIRECÇÃO DE
BENJAMIM DA COSTA DIAS

N.º 19

Coordenação de FRANCISCO MANUEL DO COUTO

APÓS termos falado neste lugar na música trovadoresca por um lado e na música polifónica até Palestrina, Vitória e Duarte Lobo pelo outro, fechou-se um vasto ciclo de evolução musical que principiara, quanto à *monodia*, no tempo dos Hebreus e outros povos da Antiguidade, e quanto à *polifonia* nas formas corais da civilização greco-latina.

Na Idade Média, a *monofonia* conduziu ao Canto Gregoriano, e a *heterofonia* à polifonia religiosa.

Do Canto Gregoriano despendeu-se a música trovadoresca, associada, desde o seu início, à prática instrumental, e na Renascença tornou-se perfeitamente distinta a diferença entre polifonia vocal dotada de espírito trovadoresco, tal a do último período flamengo, e polifonia vocal informada de espírito hierático, característico da Escola romana.

Nos alvares do século XVII, o espírito trovadoresco sobre pôe-se ao espírito hierático e na Itália nasce a Ópera. Chegamos, assim, ao limiar de uma Nova Idade, com profunda revolução de ideias sobre Harmonia, Estética e Organologia.

Temos evitado falar em espécies organológicas, embora um dos aspectos mais curiosos da evolução musical de cada época seja o estudo dos instrumentos essenciais. Agora, porém, certos fenómenos mal se compreenderiam se não lhes dedicássemos neste passo alguma atenção.

Durante a Renascença, tanto os instrumentos de corda como os de sopro tinham vindo em crescente valorização. Aos primeiros se lhes aumentou o número de cordas, e uns e outros acabaram por se constituir em famílias, dos mais pequenos aos maiores, de tal modo que, nos diversos tipos passou a haver, como na polifonia vocal, *triples, tenores, barítonos e baixos*. Duas dessas antigas famílias chegaram até aos nossos dias: a de violino, viola, violoncelo e contrabaixo, e a de oboé, corne inglês, fagote e contrafagote. Mas houve também de flautas e trombetas.

Na Itália, muito se desenvolveu a arte de tocar alaúde, e este constituía uma família de cinco unidades: mandora, chitarra, chitarra, teorba, chitar rone ou archi-alaúde. Em concorrência com o violino também progrediram as «violas de gamba» de diversos tamanhos: a viola triple, a viola tenor, a viola baixa ou baixão de viola. Os cravos gosaram de grande aceitação e houve-os também de diversos tamanhos, conforme os aperfeiçoamentos que lhes iam introduzindo: o virginal, a espineta e o cravo propriamente dito. Na segunda metade do século XVII, os importantes aperfeiçoamentos introduzidos na família do violino por certos violeiros, os mais famosos dos quais foram, sem dúvida, Stradivarius, Amati e Guarnerius, fizeram com que a família da viola de gamba fosse caindo em desuso; pelos fins do século XVIII, só o mais grave destes instrumentos — o «baixo» — ainda tinha quem o tocasse.

DA ÓPERA AS FORMAS DO BARROCO MUSICAL

pelo Eng.º Rebelo Bonito

Na Espanha, embora se conhecesse e fosse popular o alaúde, foram instrumentos predilectos a vihuela e a guitarra, esta ainda hoje em uso e mundialmente conhecida pela designação de «guitarra espanhola». Em Portugal popularizaram-se aqueles dois instrumentos com o nome comum, ao que parece, de viola, pois em Gil Vicente encontra-se várias vezes o termo viola e nunca a palavra vihuela; e, todavia, a vihuela seria não só conhecida como também praticada no Corte português, o que, aliás, se infere do facto de ter sido dedicado a D. João II o tratado escrito por Luís Millán sobre a arte de tanger a vihuela, primeiro livro no seu género.

Como se apura da análise dos textos musicais das canções madrigalescas, não polifónicas, já na

alta Renascença se encontrava bastante desenvolvida a composição melódica e bastante adian-

Continua na página seguinte

O LIVRO DO MÊS

«Gente de Terceira Classe»

DE JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

PODE dizer-se que quase toda a obra de José Rodrigues Miguéis é o fruto da sua longa experiência de emigrante, procurada ou não voluntariamente, que lhe deu um profundo conhecimento da vida e dos homens, pelo que nos dá através da sua prosa ágil e maleável alguns personagens-típos arrancados ao real quotidiano de diferentes ambientes sociais de diversos

países. E' este conhecimento universalista do mundo que o autor nos dá conta no seu livro «Gente de Terceira Classe»⁽¹⁾, colectânea de contos e novelas que datam de várias épocas, não obedecendo assim a sua disposição no volume, a uma determinada ordem cronológica.

Em «Gente de Terceira Classe», como o próprio título in-

deixem de existir ódios e ressentimentos egoísmos e maldade, onde todos comunguem da mesma fé e da mesma Esperança.

Jose dos Santos Marques, com este seu livro, guindou-se, não há dúvida, a um lugar cimeiro dentro da nossa poesia contemporânea.

Colectão Alderedor de la Mesa — Bilbao

O PAGADOR DE PROMESSAS
de Alfredo Dias Gomes

Na sua colectão «Os livros das três abelhas» a Ed. Publicações Europa-América publicou a peça de Teatro «O Pagador de Promessas», de Alfredo Dias Gomes, um dramaturgo que se tem dedicado ao teatro desde os quinze anos. Esta obra que recebeu todos os prémios teatrais do seu país evoca, com rara perspicácia, a psicologia do povo nordestino nas suas manifestações sinceras dum simplismo extremo que renega a hipocrisia, o egoísmo, a maldade e o arrivismo. O autor encarnou num único personagem que parece arrancado às páginas da Bíblia, toda a gama de sensações, ansios, lutas, superstições do povo do nordeste

Continua na página seguinte

«Não sou nem procuro ser Poeta.

A Poesia é em mim uma necessidade, que só aflora quando algo me transcende»

— disse-nos José dos Santos Marques



A recente publicação do livro de poemas «Quiero Ser Libre Para Amar», na colecção «Alderedor de la Mesa», de Bilbao, pôs mais uma vez em foco o seu autor, José dos Santos Marques que é também o incansável organizador e editor da «Panorâmica Luso-Hispânica», colecção de cadernos de poesia de larga projecção nos países de língua portuguesa e espanhola. Não obstante as incompreensões, os desdêns e até a má fé de alguns, principalmente de certos sectores portugueses, a «Panorâmica» tem vingado e crescido à medida que o tempo vai passando, graças à grande força de vontade, à «carolice», digamos assim, de José dos Santos Marques, espírito aberto à todas as manifestações que enobrecem e dignificam a vida e o homem. Tem recebido a indiferença dos poetas portugueses (com excepção de alguns poucos, honra lhes seja feita), em contrapartida, tem tido a colaboração de poetas consagrados como *Elmer Szabó, Eunice Arruda, Saúl Ibergoyen, etc.* e sido alvo dos mais sinceros e justos aplausos de personalidades literárias do mundo hispânico, a premiar o esforço e alto serviço que tem vindo a prestar à cultura luso-hispânica.

Por todos estes motivos, não podíamos deixar de trazer ao convívio dos nossos leitores, José dos Santos Marques para nos esclarecer mais concretamente todos estes problemas. Notificado, solicitou-se prontamente a responder às nossas perguntas, pelo que desde já agradecemos em no medos nossos leitores. Assim começamos por lhe perguntar:

P. Como lhe surgiu a feliz ideia de organizar e editar, em Portugal, cadernos de poesia de tão largas proporções?

R. A sua pergunta é já «clássica», à força de repetir-se em todas as entrevistas que me têm solicitado. Mas aqui tem a resposta:

A ideia veio ao verificar a ignorância dos portugueses, ainda mesmo daqueles que se apresentam — quantas vezes a si próprios! — como conhecedores «profundos» da actualidade poética e literária nacional e internacional, conhecimento que não vai além de

meia dúzia de nomes igualmente clássicos (mas algumas vezes já ultrapassados) à força de serem impostos.

A Panorâmica conseguirá demonstrar que existem muitos mais poetas autênticos do que aqueles que aqui em «casa» são familiares...

Juan Ramón Jiménez, Pablo Neruda, Manuel Bandeira, Octávio Paz e mais alguns, são poetas de prestígio universal, mas existem muitíssimos outros de valor igual.

P. Conhecedores da grande projecção que está a ter no mundo de língua portuguesa e espanhola,

Notas Biográficas

José dos Santos Marques, nasceu em Lisboa em 1922. Filho de pessoas modestas das quais se honra descer, cedo conheceu a necessidade de lutar pela vida — daí talvez o amor que sente pelos homens seus irmãos. Cedo também se interessou pelos problemas sociais e humanos e desde muito novo que os seus escritos vêm sendo publicados em numerosos jornais e revistas do seu país e do estrangeiro, mantendo hoje uma actividade jornalística que muitos leitores seguem interessados. Vários são os trabalhos que publicou até agora entre os quais diversos cadernos da famosa série «Depoimento», e os livros de poemas «Os Homens Morrem de Pé», na «Panorâmica» e «Quiero Ser Libre Para Amar», na colecção Alderedor de la Mesa, Bilbao.

que motivos contribuíram para tão grandes e justos aplausos à Panorâmica?

R. E' simples a resposta: A Panorâmica Poética Luso-Hispânica impôs-se por si própria. São logicamente os poetas que falam dela. Nunca seguiu o exemplo de certos escritores e editoriais de «fabricar» para os jornais e revistas as notícias que não de dar acerca dos livros que editam... Cada um que diga o que quiser, se quiser e quando e como quiser. E pode até ficar calado, como tantos têm feito. De

Continua na página seguinte



JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

dica, a personagem principal, o centro de toda a trama emocional, é a vida dos humildes emigrantes, dos deserdados da sorte, dos tristes cavaleiros da ilusão que constroem e desfazem sonhos, ambições, esperanças, como a espuma das vagas revoltadas do oceano embravecido.

Assim, logo na primeira novela que dá o título ao volume, José Rodrigues Miguéis dá-nos conta de um grupo de emigrantes a bordo de um velho navio, o «Arlanza». São um punhado de portugueses, espanhóis, sírios, polacos, que amontoados nas «profundezas da terceira», voltam das terras quentes, do

por FRANCISCO MANUEL DO COUTO

Brasil, da Argentina para o seu torrão natal, com a saúde abalada, sonhos desfeitos, rugas vincadas nos rostos magros, ilusões perdidas. Estes são os que voltam. Mas há os que partem doutros portos e doutras paragens, de rostos alegres, corações de esperança, cabeças cheias de ilusões, de dinheiro, de ouro, de «dólas» para mais tarde quando regressarem às suas terras, comprarem umas propriedades e armarem em senhores ricos.

O autor vive com os iludidos, no meio daquela mixórdia de cheiros nauseabundos a urina, suor e creolina, solidariza-se com eles, sofre com eles os mesmos vexames (a terceira classe era «for Spanish and Portuguese people only» — como dizia o grume), as mesmas necessidades. Mas apesar da sua manifesta simpatia e bondade pelos humildes, o autor não

Continua na página seguinte

Um tirano que é preciso banir

Nos últimos cinquenta anos, a técnica fecundada pelo sempre insatisfeito agulhão do progresso, pôs à disposição da humanidade uma encantadora realidade de bem estar e de comodidade.

O nível cultural aumentou enormemente e com essa ascensão de conhecimentos melhoraram a saúde pública, o poder económico e o sentido de personalidade do homem.

O próprio mundo ficou reduzido a uma expressão geográfica bem simples, desde que a rádio dilata o pensamento à música outrossa sonhada velocidade de centenas de quilómetros por segundo.

E por isso que lutar contra a linguagem desregrada, pela grande força do exemplo moralizador e pela elevação do nível de cultura geral, é dever que se impõe a todas as pessoas esclarecidas, sensatas e generosas.

Mas aqui surge precisamente a triste ironia do destino a complicar um problema que parecia simples. Na verdade, se por um lado podemos agora usufruir mais conforto e alargar o âmbito das nossas sensações, estará para sempre perdida a edémica ventura dos dias silenciosos de outrora em que qualquer simples mortal podia dormir a sono solto, não só no campo, mas até em pleno centro das mais populosas cidades?

Hoje tudo mudou. O ruído, esse monstruoso e impassível tirano, instalou-se em toda a parte; é no campo, na aldeia, na estrada, na rua, na cidade, na casa e, até, por fim, na praia, no comboio e no automóvel!

Um Terrível Agente Perturbador...

É muito difícil prever as possíveis consequências de qualquer dos mais singelos actos da nossa vida de todos os dias.

Um simples gesto, um inocente encolher de ombros, um trejeito sem malícia, pode por vezes ser a gota dramática que enche o cálice tenbroso do vício, da delinquência, da desgraça.

Mas se esse gesto não é simples, se esse encolher de ombros é culposo e se esse trejeito é velhaco, então e mal pode ser irreparável, pelo menos pela tremenda força moral e física do hábito ou até pela grande força do exemplo.

Um simples palavrão, corroendo a alma de quem o ouve e dissolvendo o coração inexperiente dos iniciados, pode delatar por terra o labor incansante do herói nacional que é o professor primário, que na frágua da Escola, com tanto amor e trabalho, modela a consciência da criança.

Toda a obra redentora do pai e da mãe, na santidade do lar amoroso e esclarecido, iluminado e puro, pode ser profundamente atacado pela febre corrosiva desse terrível agente perturbador que é o palavrão...

O próprio Estado devia dar sempre o exemplo, impondo a todos os seus funcionários o permanente dever da gentileza, da educação e o culto dos mais elevados valores morais da Família, da Pátria, do Homem!

(Liga Portuguesa de Profilaxia Social)

Licenças de uso e porte de armas

Os possuidores de armas, com excepção dos que já estão habilitados com autorização de simples detenção, devem requerer a partir do mês de Dezembro próximo futuro, na Secretaria da Secção da P. S. P., desta vila, a renovação das suas licenças de uso e porte de armas de defesa, caça e recreio, para o ano de 1964, sob pena de, não o fazendo, ficarem sujeitos às sanções previstas na lei.

As armas que se encontrem ainda registadas nos antigos certificados — fichas, devem ser apresentadas, para efeitos de conferência de características e substituição daqueles documentos pelos livretes de manifesto.

(Da Polícia de S. Pública)

Saiu o XXII fascículo do Dicionário de História de Portugal

Após a conclusão do 1.º volume do Dicionário de História de Portugal (Ilustrado) que veio demonstrar à sociedade que não era sonho o empreendimento iniciado em boa hora pelo ilustre historiador Dr. Joel Serrão e dos seus colaboradores (os melhores especialistas da actualidade tanto Nacionais como estrangeiros) já está em publicação o 2.º volume para o qual saiu recentemente um novo fascículo, o XXII.

Como os outros, este fascículo que inclui muitas ilustrações e um extra-texto a cores, insere artigos sensacionais que vão desde as biografias objectivamente relatadas nos estudos sobre instituições, até alguns pela primeira vez feitos em Portugal.

Neste fascículo que encerra a letra E e começa a letra F destacam-se as seguintes rubricas:

Estudos menores — Prof. Luís de Albuquerque; Etiópia, sal com a — Dr.ª Maria Antonieta Soares de Azevedo; Etnografia e Etnologia Portuguesa — Prof. J. J. Dias; Evangeliz.ção Ultramarina — Prof. António Brásio; Evora, Alameda de (1637) — Dr. Joel Serrão; Exoto, Coitas de — Prof. Veríssimo Serrão; Exército — Capitão Gastão de M. L. de Matos; Exposições Agrícolas e Industriais e Fbricas — Dr. Armando de Castro; Falcão, José — Sr. David Ferreira.

O Dicionário de História de Portugal (Ilustrado) é uma edição de leituras editada em — Avenida Rio de Janeiro, 6 s/c — Esq. Tel. 724051 — Lisboa, 5.

Concurso para letra e música do hino da Colónia de Férias da CUF

Encontra-se aberto o concurso acima indicado, a que podem concorrer indivíduos de ambos os sexos de nacionalidade portuguesa. O prazo para entrega dos originais da letra termina a 31-12-63 e para a partitura feita a partir da letra premiada — termina a 31 de Março de 1964. A letra premiada pode ser solicitada a partir de 31 de Janeiro de 1964.

O regulamento pode ser solicitado ao Grupo Desportivo da CUF — Barreiro.

Vende-se TERRENO no Lugar do Pinhal Novo-Anta. Falar com herdeiros de António de Sousa e Silva — Anta.

Terreno-Vende-se na Estrada do Golfe, junto à Fabrica dos Tapetes — Falar com Conceição Moreira — em frente ao Bairro Piscatório.

VENDE-SE

GRUPO DE PRÉDIOS NOVOS NA RUA 33 EM CONJUNTO OU SEPARADOS CONSTRUÇÃO MODERNA

Informa Sociedade Construtora Ideal de Espinho, L.da Telefone 920642 Apartado 53 ESPINHO

Para os sinistrados do bairro Flecha Pagamento Adiantado de Assinaturas de 1964

O nosso estimado assinante sr. António dos Anjos, entregou-nos a quantia de 100\$00 destinada ao Natal dos sinistrados do bairro Flecha. Com essa quantia abriu-se neste jornal uma subscrição a favor desses infelizes, a qual conta já com as seguintes verbas:

- António dos Anjos. 100\$00
Defesa de Espinho. 50\$00
António Gomes de Oliveira (o estimado assinante em S.º António do Zaire—Angola. 130\$00
Grupo «Os Carlos» Lisboa — importância enviada ao n/ jornal para distribuímos por pobres de nome Carlos, mas que não nos apareceu nenhum com esse nome 30\$00
Soma . . . 310\$00

Natal dos Soldados que se encontrem em defesa da Pátria, no Ultramar

António dos Anjos. 100\$00

O nosso assinante sr. António Gomes de Oliveira, conceituado comerciante em Santo António do Zaire — Angola, enviou-nos em bilhetes de lotaria, premiados, a quantia de 210\$00 para pagar a sua assinatura de 1964, e o restante para o Natal dos pobres de Espinho.

Destinamos esse donativo à subscrição aberta no nosso jornal a favor dos sinistrados do bairro «Flecha», que são, presentemente, os mais necessitados, certos de que tal resolução merecerá a concordância do generoso subscritor. Bem haja.

Os 75 anos da Tuna Académica da Universidade de Coimbra

Por ocasião das suas bodas de diamante, a Direcção da Tuna, vem por este meio pedir a colaboração de todos os antigos TUNOS para um ciclo comemorativo, a realizar no (segundo) 2.º período escolar.

Pedimos a todos os antigos Tunos que comuniquem com a Direcção da Tuna, sendo toda a correspondência dirigida ao Apartado 208 — Coimbra.

Praticante de Escritório PRECISA-SE

Idade mínima 16 anos Grande Garagem de Espinho Rua 62-384—Telef. 920552

Contabilista

Reformado de Serviços Públicos, muita prática em organizações, peritagens e seguimentos de escritos, aceitará serviço em regime livre, — comércio ou indústria. Carta à Redacção ao n.º 88.

TIPOGRAFIA ESPINIENSE Benjamin da Costa Dias Trabalhos tipográficos em todos os géneros nos mais modernos e variados tipos JORNAIS CARTAZES RECLAMOS Ruas 14 e 33 Espinho Telefone 92 01 87

CONFEITARIA JULIA PASTELARIA E SALÃO DE CHÁ Fogaças e especialidades Regionais. Mercaria Fina e Frutas. GELADOS. Queijos e carnes fumadas das melhores procedências. FRANGOS CONGELADOS Gerência de João Lourenço Rua 19, n.º 244 Telef. 920204 ESPINHO

Colégio de S. LUIS PRAIA DE ESPINHO Telefone 920060 Internato e Externato para Rapazes Externato - 3.º ciclo - para Meninas Ensino Lical: 1.º e 2.º ciclos - para Rapazes. 3.º ciclo, 6.º e 7.º de Letras e Ciências - para Meninas e Rapazes (Curso Misto). Ensino Técnico: Ciclo Preparatório (Industria e Comercial), Curso Geral do Comércio. Instrução Primária e Admissão aos Liceus e Escolas Comerciais

COLÉGIO DE N.ª S.ª da Conceição PARA MENINAS Internas, Semi-Internas, e Externas Avenida 24-ESPINHO-Telefone 920303

M. P. Moreira Telefone 920051 - Espinho fábrica de Guardanvois Gabardinas e Sobretudo Camuflado GRANDE MARCA Calçado de todas as qualidades, Chapéus de homem, Malhas de Senhora, Luvas, etc. Grande sortido

CASA ROLA Largo da Graciosa, 37 — Telef. 920616 ARMAZÉM DE Malhas, Meias, Peugas, Atoalhados, Colchas, Rendas, Bordados e Cobertores. Depósito das camisas Marfel e B. P. Grande sortido de MALHAS para homem, senhora e criança, SEMPRE NOVIDADES FATOS DE BANHO PARA SENHORA E HOMEM, TOALHAS, TOUCAS, E AS MAIORES NOVIDADES PARA VERÃO DESCONTOS PARA REVENDA

HOTEL MAR AZUL excelentes instalações e tratamento Avenida 8 — Telef. 920824 Restaurante e Cervejaria Aquário Rua 19 n.º 28 — Telef. 920377

Ao «Ponto Chic» ANGULO DAS RUAS 8 E 19 Elias Pereira Tavares & Co, L.da Pastelaria e Mercaria fina, presunto, fambre, pão e queijo das melhores procedências - Bebidas finas e diversas especialidades

Casa Padrão DE Francisco Fernandes Padrão Rua 18-681 - Telefone 920188 Agente das Tintas Plásticas e das esmaltes Teseon Artigos de plástico, bombas, torneiras, fogaças sanitárias, montagens de quartos de banho, etc.

PADARIA CENTRAL Sociedade Industrial de Padarias de Espinho, L.da Especialidade em pão com fermento artificial — o sistema espanhol tosta azeda e humedece tipo «Valongo». Fabrico ambrado pelos mais modernos e higiénicos processos. A padaria mais higiénica de Espinho. As melhores instalações no género no norte de País Angelo das Ruas 14 e 23 - Tel. 920135

Padaria Ferreira M. Nunes da Silva & Co Mo de todas as qualidades fabricado pelos processos técnicos e higiénicos mais modernos Especialidade em pão com fermento natural Todos os dias as deliciosas «Vizinas d'Antrio» Sede: Rua 19-245 - Filial: Rua 62-491 ESPINHO

Estima, Valente & C.ª. L.ª da FABRICA A VAPOR DE SERRAÇÃO E CAIXOTARIA Especialidade em caixas APLAINADAS e MARCADAS para embalagem de fgo Tel. 920028 - Telef. ESTIVANTE — ESPINHO —

Grande Garagem de Espinho Clemente Silvestre Rodrigues Sabença Estação de Serviço SHELL — Pronto Socorro Permanente — Secção de Mecânica, Chapele e Pintura — SHELL BUTAGAZ, fogaças, fogareiros etc. Venda de carros usados Rua 62 n.º 244 Tel. 920552 ESPINHO

Quintas, Faria & Bernardes, L.ª ARMAZENISTAS DE MERCARIAS, CERBAS E GORDURAS Agente em Espinho da Companhia Produtora de Leite e Cerveja Portuguesa CERVEJA PRETA MUNICK e Refrigerantes SCHWAPP Ruas 16 e 25 - Tel. 920190 - Espinho